

CLARA DOS ANJOS: NOTAS BAKHTINIANAS DE LEITURA**CLARA DOS ANJOS: BAKHTINIAN READING NOTES**

Cesar Augusto de Oliveira Casella
Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP)
cesarcasella@bol.com.br

Resumo: O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, possui uma vasta fortuna crítica, ampla tanto em quantidade como em abordagens teóricas, as quais se sobrepõem, se opõem mas também compõem uma forma de entendimento dos sentidos emanados deste texto literário. Este estudo faz uma leitura de viés bakhtiniano da obra, valendo-se das noções teóricas de polifonia, plurilinguismo e hibridismo para apresentar algumas notas de leitura. A opção por apresentar o resultado da leitura em forma de notas decorre da compreensão de que este trabalho não se pretende exaustivo e nem definitivo. Além disto, este formato de apresentação da leitura permite transitar e tratar, em sua complexidade, de duas questões temáticas fundamentais em *Clara dos Anjos*: a representação da situação social da mulher e a representação da questão racial. O resultado, portanto, é um conjunto de reflexões, dentro da perspectiva bakhtiniana de compreensão do romance, sobre a refração da condição social da mulher negra, elaborada por Lima Barreto, em inícios do Século XX.

Palavras-chave: Clara dos Anjos. Bakhtin. Abordagem discursiva.

Abstract: The novel *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, has a vast critical fortune, wide both in quantity and in theoretical approaches, which overlap, oppose but also form a way of understanding the meanings emanating from this literary text. This study makes a Bakhtinian reading of the novel, using the theoretical notions of polyphony, plurilingualism and hybridism to present some reading notes. The option to present the result of the reading in the form of notes stems from the understanding that this work is not intended to be exhaustive or definitive. In addition, this reading presentation format allows transiting and dealing, in its complexity, with two fundamental thematic issues in *Clara dos Anjos*: the representation of the social situation of women and the representation of the racial issue. The result, therefore, is a set of reflections, within the Bakhtinian perspective of understanding the novel, on the refraction of the social condition of black women, elaborated by Lima Barreto, at the beginning of the 20th century.

Key-words: *Clara dos Anjos*. Bakhtin. Discursive approach.

Considerações iniciais

Clara dos Anjos, de Lima Barreto, é uma obra bastante analisada e com uma ampla fortuna crítica, oriunda de diferentes perspectivas teóricas. Este fato

v. 12, n. 1 ISSN 2237-2075

Building the way

pode ser ilustrado com a edição do livro feita pela Penguin & Companhia das Letras (BARRETO, 2012), em que se encontram um *Prefácio* de Sérgio Buarque de Holanda, uma *Introdução* de Lúcia Miguel Pereira e uma *Apresentação*, intitulada *Em defesa de Clara dos Anjos*, de Beatriz Resende. Várias camadas interpretativas que se sobrepõem, se interpõem e se contrapõem.

O intuito deste estudo é apresentar algumas notas da leitura de *Clara dos Anjos*, advindas de uma perspectiva bakhtiniana, as quais se colocam em relação complementar à fortuna crítica existente e objetivam destacar – a partir do uso das noções de polifonia, de plurilinguismo e de hibridismo – dois temas centrais da obra: a representação da situação da mulher na sociedade e a da questão racial.

Neste sentido, o que se quer demonstrar é que as representações do feminino e do negro, em *Clara dos Anjos*, são construídas dentro de uma visão complexa, socialmente intrincada e historicamente marcada, mas passíveis de serem tratadas com os conceitos de polifonia, de plurilinguismo e de hibridismo, retirados das reflexões de Bakhtin (2003; 2010).

O que, obviamente, não exclui compreender e estabelecer as linhas de força das análises já existentes. Assim, por exemplo, assume-se como um dado importante sobre *Clara dos Anjos* a consideração – feita por Sérgio Buarque de Holanda (2012) – de que o personagem principal, descrita no romance como sendo de natureza amorfa e pastosa (BARRETO, 2021, p. 94), seja um símbolo, uma síntese do drama que acometia muitas das moças de mesma classe social e de mesma cor de pele.

Da mesma maneira, toma-se como um pressuposto básico – tal como o expõe Beatriz Resende (2012) – que o subúrbio é o grande personagem do livro de Lima Barreto e que há uma certa hierarquização entre os outros personagens, que se movem neste espaço, decorrente da classificação racial. Tem-se, pois, “o texto de Lima mais voltado para as especificidades dos subúrbios e também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam – com fronteiras criadas internamente a partir da cor” (SCHWARCZ, 2017, p. 411), sabendo-se que a cor da pele é uma construção social, com uma função distintiva e hierarquizante.

Building the way

Também é importante destacar o dado – a saber: a perspectiva interna do negro – que permite colocar Lima Barreto dentro do campo da literatura negra, ou afro-brasileira, como postula Eduardo de Assis Duarte:

O negro surge marcado pela perspectiva interna na ficção de Lima Barreto, que faz dele um ser humano livre de estereótipos, como em *Recordações de Isaías Caminha* (1909) ou em *Clara dos Anjos* (1948). Ambos vítimas de preconceito, Isaías e Clara são jovens que sentem na prática o peso social do estigma representado por sua condição étnica. E, pela via do drama que protagonizam, transmitem aos leitores um forte painel das desigualdades raciais presentes na principal cidade do país nas décadas seguintes à abolição. (2013, p. 149)

Assim, entre muitos outros pressupostos não explicitados, este estudo parte do princípio de que *Clara dos Anjos* tem, em sua protagonista, a marcação de uma posição racial e social, a da mulata pobre, cuja condição é dramatizada em meio ao subúrbio carioca, território constituído como um local em que se sedimentou as desigualdades raciais decorrentes, historicamente, da falta de uma ação política eficaz e consistente quando da abolição da escravidão e no período imediatamente posterior a esta.

A análise de *Clara dos Anjos*, neste estudo, não se pretende exaustiva e nem definitiva. Por isso, adota-se a perspectiva das notas de leitura, isto é, ressaltam-se trechos da obra de Lima Barreto que, em uma compreensão de viés bakhtiniano, sejam ilustrativos dos conceitos de polifonia, plurilinguismo e hibridismo, bem como demonstrem a refração da questão racial e da situação social da mulher.

***Clara dos Anjos*: notas sobre a polifonia**

Dispostas as considerações iniciais, este item inicia o desdobramento dos conceitos teóricos, advindos do pensamento bakhtiniano, utilizados na abordagem discursiva de *Clara dos Anjos* aqui encetada. Em primeiro lugar, conceitua-se a polifonia, que não deve ser confundida com o dialogismo, conforme explica José Luiz Fiorin, e, aplicada ao romance, “indica a presença de novos e múltiplos pontos de vista de vozes autônomas, que não são submetidas a um centro” (2008, p. 79), são vozes que coexistem e interagem em pé de igualdade.

Building the way

Pela polifonia vê-se que “as personagens são idéias e idéias inconclusas e, por isso, são personalidades inconclusas. Todas as consciências são autônomas e igualmente significantes” (FIORIN, 2008, p. 79). Desta forma, as vozes dos personagens não estão submetidas ao discurso do autor, não são uma simples transmissão da ideologia – da visão de mundo – do romancista.

186

Num romance polifônico, não há palavra final sobre os atos das personagens ou sobre a sua personalidade. A voz do autor não dá a última palavra na avaliação do herói. A voz do herói manifesta-se ao lado da do autor, reúne-se a ela e às dos outros heróis cujas vozes também são plenivalentes. O autor é um orquestrador das vozes, que têm completa liberdade para discordar dele, rebelar-se contra ele... [...] O romance não mostra a verdade de uma voz, mas a própria interação delas. (FIORIN, 2008, p. 82)

Obviamente, nem todo romance é polifônico. A presença da polifonia, então, mostraria que o texto em questão “encena o embate das vozes sociais” (FIORIN, 2008, p. 83) existente no mundo. Um romance polifônico, portanto, é um texto que tenta lidar com a complexidade linguística e ideológica da sociedade. Este tipo de romance, como escreve Angela Maria Rubel Fanini, “é a configuração formal de uma realidade extraliterária, pois formaliza a pluridiscursividade social com realismo e em sua totalidade heterogênea” (2013, p. 32).

Isto é ponto crucial do pensamento bakhtiniano: no romance se cruzam as forças vivas da sociedade e nele se encontram, em cada ponto formal do texto literário, as posições ideológicas presentes na sociedade. O que se vê no registro de Mikhail Bakhtin de sua

[...] convicção de que toda obra literária é interna, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento de sua forma. Por isso a análise puramente formal deve tomar cada elemento da estrutura artística como ponto de vista da refração de forças sociais vivas, como um cristal artificial cujas facetas foram construídas e lapidadas a fim de refratar determinados raios de avaliações sociais, e refratá-los sob um determinado ângulo. (2003, pp. 195-196)

Entende-se, assim, que a obra literária, porque é construída e lapidada, refrata – sob o ângulo do romancista – os diferentes posicionamentos ideológicos

Building the way

existentes na sociedade. A refração – sua execução, seus modos de percepção, sua interpretação etc. – é o que se objetiva na análise bakhtiniana de um romance.

É interessante notar, ainda, que Mikhail Bakhtin escreve que “o enredo em Dostoiévski é desprovido de quaisquer funções concludentes” (2003, p. 196), ao explicar a funcionalidade do enredo nas obras do romancista russo, isto é, o enredo é dialógico (aberto) e não monológico (fechado). Na sequência, Bakhtin postula que, nas obras de Dostoiévski, a finalidade do enredo é a de

[...] colocar o homem em diferentes situações que o revelem e provoquem, juntar personagens e levá-las a chocar-se entre si, mas de tal forma que não permaneçam no âmbito desse contato no interior do enredo e ultrapassem seus limites. (BAKHTIN, 2003, p. 196).

Os entrelaços entre os personagens, entende-se, não derivam de uma construção genial do enredo ou de uma elaboração primorosa da narrativa, pois não são aspectos meramente formais, mas que eles são decorrentes das contradições e das tensões da sociedade em que o romance está imerso.

Estas considerações – este olhar bakhtiniano... – permitem tratar a complexidade do enredo do romance de Lima Barreto, aparentemente tão superficial ou banal. Assim, a compreensão do aspecto polifônico de *Clara dos Anjos* permite ver o romance de Lima Barreto para além do enredo que conta a sedução e o abandono, no Rio de Janeiro, de uma jovem suburbana, mulata e de família pobre, filha de carteiro apreciador de modinhas, por parte de um valdevinos da vizinhança, branco e de uma família mais remediada.

Em *Clara dos Anjos*, pois, coexistem vozes dissonantes, que não se submetem aos desígnios do autor e mostram a interação – conflituosa, tensa – das vozes sociais, dos diferentes discursos existentes na sociedade, o que se pode ver, por exemplo, na injúria racial proferida por Dona Salustiana, mãe de Cassi Jones, no último capítulo: “o que é que você diz, sua negra?” (BARRETO, 2021, p. 141). Obviamente, Lima Barreto não é racista, mas coloca na voz de Dona Salustiana o discurso racista presente na sociedade brasileira, tributária de uma formação social patriarcal e escravocrata.

Building the way

De forma similar, o alerta do padrinho Marramaque sobre a posição social e racial de Clara, no capítulo VIII, não é advindo de menosprezo do autor, mas sim da posição e da visão de mundo do personagem: “Você não vê que, se ele se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim...” (BARRETO, 2021, p. 106).

As vozes dos personagens expressam preconceitos que são oriundos da sociedade, expressam os diferentes discursos e as diferentes posições ideológicas presentes na sociedade, que se entrecrocaram. No capítulo V, no armazém de Seu Nascimento, há uma conversa sobre as seduções de Cassi Jones e Alípio, personagem secundário, afirma sobre o modinheiro: “É um bandido. [...] Ele merecia mais do que cadeia; merecia ser queimado vivo. Tem desgraçado mais de dez moças e não sei quantas senhoras casadas” (BARRETO, 2021, p. 58).

Também as ações dos personagens expressam atitudes presentes na sociedade, mostrando a visão de mundo do personagem, advinda da realidade social. Um caso ilustrativo, neste sentido, é a sexualização de Clara – que nunca é descrita por Lima Barreto com os atributos literários habituais da mulata brasileira – pelos olhos de Cassi Jones, que deita “o olhar guloso de grosseiro sibarita sexual” aos “seios empinados de Clara” (2021, p. 44) e devora “sorratamente com o olhar lascivo os bamboleios de quadris de Clara, quando dançava” (2021, p. 45).

Entretanto, não existe somente a voz do personagem em um romance polifônico. *Clara dos Anjos*, como se sabe, é ambientado nos subúrbios e faz dele o seu grande personagem, tratando-o com o olhar de um etnógrafo ou um cronista. Entretanto, dentro destas linhas gerais, é possível encontrar a voz do narrador que critica os seus suburbanos, o que complexifica e dá vida ao conjunto. No capítulo VII, em meio à descrição da vida nos subúrbios, o texto trata das pequenas desavenças entre os vizinhos, por causa do desaparecimento de bens e outras mesquinhas, e a voz do narrador afirma: “a gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres” (BARRETO, 2021, p. 74).

A crítica do narrador avança, mostrando o fundo social do problema de uma população “a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio

Building the way

de Janeiro” (BARRETO, 2021, p. 74). As mulheres, diz o narrador, são mais suscetíveis à irritabilidade por terem o campo de visão estreitado pelas dificuldades econômicas pelas quais passam. Aparece, também, o fundo racial, pois muitas brigas ocorrem por causa do sentimento de superioridade advindo de “uma diferença accidental de cor” (BARRETO, 2021, p. 74).

Por vezes, na voz do narrador, encontra-se mesmo um ponto de vista do autor, isto é, a voz do autor que se põe ao nível dos outros personagens. Um exemplo está no capítulo IV, quando da narrativa da festa em que Clara conhece Cassi. Após a declamação de versos humorísticos, com os quais Marramaque quer atingir o malandro e cuja autoria o personagem-declamador desconhece, o narrador comenta, com um ressentimento transparente: “o povo é avesso a guardar nomes de autores, mesmo os dos romances, folhetins que custam dias e dias de leitura. A obra é tudo, para o pequeno povo; o autor nada” (BARRETO, 2021, p. 49).

Ao apresentar estas vozes dissonantes dos personagens, que expressam o racismo, o menosprezo social, a moral suburbana ou a sexualização da mulata, ao apresentar uma crítica social na voz do narrador, que acusa o descaso do poder público frente aos subúrbios, ou ao mostrar seu ressentimento de autor frente ao não reconhecimento artístico, Lima Barreto constrói um romance em que as muitas vozes encenam os embates sociais presentes no mundo real.

Como escreve Paulo Bezerra,

[...] o autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como ‘consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis’ como a dele, autor. (2007, p. 195)

Esta leitura bakhtiniana talvez permita postular que é justamente o caráter polifônico da obra de Lima Barreto que evita que o texto seja como um romance esquemático, de personagens planas e de autor militante, como se fora um romance ao estilo naturalista.

Building the way

Clara dos Anjos: notas sobre o plurilinguismo

Para que se compreenda, pelo prisma de Bakhtin, como a constituição do texto literário incorpora a multiplicidade linguística, portanto a diversidade discursiva e ideológica, e como, conseqüentemente, o texto faz aparecer as contradições e as tensões inerentes à sociedade, é preciso mobilizar as noções de plurilinguismo e hibridismo. Este item trata da primeira das duas noções, que estão interligadas conceitualmente.

Em *O discurso no romance*, Bakhtin assinala que

[...] a fala de outrem, narrada, arremedada, apresentada numa certa interpretação, ora disposta em massas compactas, ora espalhada ao acaso, impessoal na maioria das vezes ('opinião pública', linguagens de uma profissão, de um gênero), nunca está nitidamente separada do discurso do autor. (2010, p. 113)

Desta forma, no romance, "o objeto está enredado pelo discurso alheio a seu respeito" (BAKHTIN, 2010, p. 132), e o romancista está imerso no plurilinguismo social, na "consciência da diversidade das linguagens do mundo e da sociedade que orquestram o tema do romance" (BAKHTIN, 2010, p. 134). O romancista, então, percebe a variação existente no uso da língua na sociedade, decorrente das variadas posições ideológicas, e faz aparecer no romance os jargões, as gírias, os sotaques, os idioletos etc.

O plurilinguismo social, então, "penetra no romance, por assim dizer, em pessoa, e se materializa nele nas figuras das pessoas que falam" (BAKHTIN, 2010, p. 134). As pessoas que falam – sejam os personagens, sejam os narradores, sejam os autores – apresentam as muitas variações existentes no uso cotidiano da língua e, assim, trazem as muitas visões de mundo presentes na sociedade.

Neste nível, o plurilinguismo é bastante evidente em *Clara dos Anjos*. Por exemplo, há o trabalho de recuperação de uma fala popular, ligada socialmente – o que não significa dizer corretamente – à população negra, como nos comentários de uma preta velha sobre a má sorte de Leonardo Flores, no capítulo V: "é 'cosa' feita! Foi inveja da 'inteligência' dele!" (BARRETO, 2021, p. 57).

Building the way

O mesmo trabalho de representação da linguagem popular aparece na cena em que Cassi Jones é reconhecido e injuriado por Inês, no capítulo IX: “‘Muié’, não! [...] Quando você ‘mi’ fazia ‘festa’, ‘mi’ beijava e ‘mi’ abraçava, eu não era ‘muié’, era outra coisa, seu ‘cosa’ ruim!” (BARRETO, 2021, p. 123).

Neste mesmo nível de compreensão do plurilinguismo, há também a recuperação da fala em português com sotaque inglês, que ocorre na cena em que Mr. Persons cobra de Arnaldo, um integrante do bando de Cassi Jones, que lhe dê conta do desaparecimento de sua capa de chuva, a qual, na verdade, foi afanada por Arnaldo: “Não diga ‘Seu’ mister, é ‘error’. Bem... Onde está mia capa? [...] Eu precisa da capa” (BARRETO, 2021, p. 71).

Note-se, nos três casos, a preponderância da variação linguística em nível fonológico (/cosa/ por /coisa/; /inteligença/ por /inteligência/; /muié/ por /mulher/; /mi/ por /me/; /error/ por /erro/; /mia/ por /minha/; /precisa/ por /preciso/) ainda que esta se apresente entremeada aos níveis morfológico e sintático. Note-se, ainda, o cuidado que Lima Barreto tem de apresentar estes elementos variantes entre aspas, marcando o fato de que o autor sabia que estas formas eram – e ainda são, muito provavelmente – socialmente estigmatizadas.

Não só as falas dos personagens introduzem o plurilinguismo. Conforme postula Bakhtin, o narrador “suposto” é também uma das formas de introdução do plurilinguismo, quando ele porta “uma perspectiva linguística, ideológico-verbal particular”, “um ponto de vista peculiar sobre o mundo e os acontecimentos, de apreciações e entonações específicas” (2010, p. 117).

É possível ilustrar este postulado com o trecho do capítulo VII de *Clara dos Anjos*, em que se narra – com o conhecido olhar de cronista ou etnógrafo – as práticas culturais envolvidas nos enterros feitos nos subúrbios: “Vão muito pouco tristes e, em cada venda que passam, ‘quebram o corpo’, isto é, bebem uma boa dose de parati. Ao chegarem ao cemitério, aquelas cabeças não regulam bem, mas o defunto é enterrado” (BARRETO, 2021, p. 75).

A expressão “quebram o corpo”, destacada graficamente no texto pelo próprio autor, traz uma perspectiva linguística específica, uma gíria – carioca, suburbana?... – para definir a ação de beber uma dose de pinga – em homenagem ao morto?... – a cada parada que fazem nas vendas presentes no trajeto de ida ao

Building the way

cemitério. A expressão utilizada traz uma visão ideológico-verbal particular e expressa uma visão de mundo, avaliando o acontecimento como pitoresco, como objeto digno de figurar em uma crônica.

Na absorção de outros gêneros discursivos pelo romance também se pode notar o plurilinguismo. Bakhtin considera que a intercalação de outros gêneros é “uma das formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance” (2010, p. 124). Isto porque as intercalações – tanto as de gêneros literários (peças líricas, novelas, poemas etc.) quanto as de gêneros extraliterários (cartas, bilhetes, diário etc.) – introduzem no romance as linguagens do gênero absorvido “e, portanto, estratificam a sua unidade linguística e aprofundam de um modo novo o seu plurilinguismo” (2010, p. 125).

No capítulo IV, Lima Barreto apresenta o trecho inicial da modinha que Cassi Jones canta na festa de aniversário de Clara, mostrando o linguajar típico das modinhas da época: “mostraram-me um dia/ na roça dançando/ mestiça formosa/ de olhar azougado...” (BARRETO, 2021, p. 46).

A letra dialoga com o andamento posterior da ação no romance e, ainda, dirige a atenção do leitor para a questão da sedução no quadro de uma cultura artística que decorre da sociedade escravocrata, o que se vê melhor no estribilho: “sorria a mulata/ por quem o feitor/ diziam que andava/ perdido de amor” (BARRETO, 2021, p. 46). Assim, temos a associação de um tópico poético de época – o do feitor que se apaixona pela escrava – ao romance, via utilização do linguajar popular da modinha.

Tem-se, então, de certo modo, a conjuração do enredo na própria letra da modinha: o feitor, ou o senhor branco, se diz tomado de amor pela escrava, a mulata ou mestiça formosa, em uma atitude voltada apenas para a sedução imediata e para a realização do desejo do lado mais forte, em uma relação assimétrica e geralmente prejudicial para o lado mais fraco.

Estes exemplos de *Clara dos Anjos* ajudam a perceber o postulado bakhtiniano de que “o romancista não conhece apenas uma linguagem única, ingênua (ou convencionalmente) incontestável ou peremptória. A linguagem é dada ao romancista estratificada e dividida em linguagens diversas” (BAKHTIN, 2010, p. 134). Portanto, a linguagem e a língua são percebidas pelo escritor através dos

Building the way

diferentes estratos sociais existentes, que marcam seus discursos e suas ideologias no uso que fazem da língua e da linguagem e, deste modo, elas apresentam-se para o escritor como algo em constante e múltipla variação, em uma ampla diversidade e em uma incompletude fundamental.

No entanto, é possível passar a um outro nível, mais profundo talvez, de compreensão da questão do plurilinguismo social, ressaltando que a variação não é só linguística, é também ideológica e discursiva. Deste modo, se o mundo em que o romancista está inserido é heterogêneo – linguisticamente, mas também ideológica e discursivamente – é preciso que a sua prosa literária seja também heterogênea – linguística, ideológica e discursivamente – para que ela se torne representativa, para que ela tenha “a percepção da concretude e da relatividade históricas e sociais da palavra viva, de sua participação na transformação histórica e na luta social” (BAKHTIN, 2010, p. 133).

Clara dos Anjos: notas sobre o hibridismo

Para aprofundar a compreensão de plurilinguismo, é preciso conjugá-lo à noção de hibridização. Este item trata deste segundo processo. Bakhtin denomina como uma construção híbrida:

[...] o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas. (2010, p. 110)

Em um enunciado hibridizado, então, não se encontra nenhuma fronteira formal (gramatical ou composicional) que indique a existência de duas linguagens, de duas visões de mundo, dois sentidos nem sempre convergentes que, entretanto, estão lá. Um enunciado hibridizado – no que ele mais interessa à análise – é indício da palavra bivocal, da palavra que “serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes” (BAKHTIN, 2010, p. 127).

O enunciado hibridizado, portanto, traz o discurso de outrem à tona, trazendo consigo o plurilinguismo, mesclando diferentes linguagens sociais,

Building the way

mostrando que as falas individuais estão eivadas de discursos prontos, de já-ditos, de ideologias existentes. A hibridização, compreende-se, é “a mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado”, é o reencontro, tenso e nada harmonioso, “na arena deste enunciado de duas consciências linguísticas, separadas por uma época, por uma diferença social (ou por ambas) das línguas” (BAKHTIN, 2010, p. 156).

Registre-se que este amálgama de duas linguagens (temporal e/ou socialmente diferentes) é um processo literário proposital do romance, é um sistema de procedimentos artísticos que “trata-se não apenas (e não tanto) da mistura de formas e de indícios de duas linguagens e dois estilos, mas principalmente do choque no interior destas formas, dos pontos de vista sobre o mundo” (BAKHTIN, 2010, p. 158).

Em *Clara dos Anjos* há importantes enunciados hibridizados, alguns dos quais já tratados em termos de polifonia e plurilinguismo. Desta maneira, voltando sobre os exemplos já apresentados, pode-se recobri-los com a análise que leva em conta a noção de hibridização e avançar em uma leitura que ressalte os aspectos da refração da mulher negra feita por Lima Barreto.

Em primeiro lugar, o alerta de Marramaque para o compadre Joaquim, em que a visão de mundo do personagem está mesclada à voz da opinião pública, quando ele enuncia: “Clara, uma mulatinha pobre” (BARRETO, 2021, p. 106). Há uma óbvia tensão, já que o padrinho de Clara não quer vê-la assim, mas sabe que a opinião pública a vê assim. Tanto é que ele termina a fala lembrando que é um amigo, que o que diz, apesar de duro, está emoldurado pela amizade.

O alerta de Marramaque, portanto, já coloca a protagonista sob os signos do feminino e do negro, no contexto da opinião pública do início do Século XX. Em movimento análogo, a sexualização de Clara pelo olhar de Cassi Jones, traz, nos enunciados “seios empinados de Clara” (BARRETO, 2021, p. 44) e “bamboleios de quadris de Clara” (BARRETO, 2021, p. 45) não somente uma descrição do narrador, mas também um certo discurso social sobre o corpo da mulata brasileira, presente, lembre-se, na própria literatura da época.

Também é um importante enunciado hibridizado a injúria racial proferida por Dona Salustiana. Quando a mãe de Cassi Jones diz “sua negra” (BARRETO,

Building the way

2021, p. 141), há o amalgama da consciência do personagem com a consciência racista, trazendo à cena o racismo, presente e persistente na sociedade brasileira. Assim, a palavra bivocal faz ver que o racismo é um discurso social, portanto um problema que não é individual, mas que está socialmente estruturado.

Algo semelhante ocorre na culpabilização da mulher, feita por Dona Salustiana quando esta é interpelada por Dona Engrácia e por Clara dos Anjos no último capítulo: “Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga.. Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...” (BARRETO, 2021, p. 142). O enunciado “a culpa é delas” mistura à voz do personagem a voz de certo moralismo e do sexismo, típicos do sistema patriarcal brasileiro.

Outro interessante enunciado hibridizado encontra-se em “o amor tudo pode”, presente na descrição da teoria sobre o amor de Clara, em que o discurso romântico – ingênuo e superficial, atribuído ao feminino – advindo das modinhas informa os pensamentos da protagonista, no capítulo V: “o amor tudo pode, para ele não há obstáculos de raça, de fortuna, de condição; ele vence, com ou sem pretor, zomba da Igreja e da Fortuna, e o estado amoroso é a maior delícia da nossa existência, que se deve procurar gozá-lo e sofrê-lo, seja como for. O martírio até dá-lhe mais requinte...” (BARRETO, 2021, p. 53).

No rebaixamento social e racial, na sexualização da mulata, na injúria racial, na culpabilização da mulher e na romantização ingênua do feminino, nestes discursos hibridizados nas falas e atos de personagens, vê-se uma refração da realidade no romance de Lima Barreto, a qual aponta para uma espécie de denúncia e uma crítica social densa, em que a rede de discursos sociais que constrói a imagem da mulher negra do início do Século XX é desvelada.

Considerações finais

Para finalizar estas notas bakhtinianas de leitura sobre *Clara dos Anjos*, sem nenhuma pretensão de fechamento das questões levantadas, toma-se de empréstimo uma reflexão de Paulo Bezerra sobre a polifonia, em que se postula que

Building the way

[...] é pelo diálogo que as personagens se comunicam entre si, com o outro, se abrem para ele, revelam suas personalidades, suas opiniões e ideais, mostram-se sujeitos de sua visão de mundo, sujeitos esses cuja imagem o autor do romance polifônico constrói de sua posição distanciada, dando-lhes o máximo de autonomia, sem lhes definir a consciência à revelia deles, deixando que eles mesmos se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois os sente a seu lado e à sua frente dialogando com ele. (2007, p. 196)

196

Os personagens, sujeitos-consciências do romance polifônico, falando e agindo na literatura, trazendo os discursos originais, heterogêneos, plurilíngues e híbridos que se encontram na sociedade, comunicam-se entre si e comunicam-se com os leitores. Nesta interação dialógica, os leitores apreendem, talvez, que, como postula Bakhtin, o sujeito que fala no romance é social e histórico e sua linguagem é social e histórica e nunca um dialeto individual (2010, p. 135).

Na esteira desta apreensão, os leitores, entendem, possivelmente, que:

O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. (BAKHTIN 2010, p. 135)

Pensando no personagem como sujeito-consciência é que se postula que este conjunto de reflexões, de perspectiva bakhtiniana, permite uma conscientização – uma significação social aspirada pelo personagem – sobre a condição social da mulher negra, em inícios do Século XX, a partir da própria tomada de consciência da protagonista, após a injúria racial e sexista que lhe é dirigida na malfadada entrevista com Dona Salustiana, a qual emerge na última página do romance:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar seu padrinho! Coitado!... (BARRETO, 2021, p. 143)

Uma tomada de consciência dolorosa, sem dúvida, sintetizado no enunciado hibridizado, eivado do preconceito da opinião pública e da voz do

Building the way

padrinho, que reverbera na própria mente de Clara, no bonde cheio: “Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro!” (BARRETO, 2021, p. 143).

Entretanto, nesta mesma tomada de consciência presentifica-se a assunção do racismo e do sexismo de que Clara foi vítima, e emerge uma exortação à luta quando ela pensa que é preciso “bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...” (BARRETO, 2021, p. 143).

Enunciado que hibridiza os importantes discursos feminista e antirracista, também presentes na sociedade: ninguém é inferior a ninguém, nem pelo gênero nem pela raça. O que há é um conceito – um preconceito – generalizado, arraigado e estruturado socialmente, e a covardia dos que o aceitam.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A respeito de Problemas da Obra de Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo/SP: Hucitec, 2010.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Londrina/PR: Livrarias Família Cristã, 2021.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo/SP: Contexto, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

FANINI, Angela Maria Rubel. O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana. *Bakhtiniana*, São Paulo, n. 8, v. 1, pp. 21-39, Jan./Jun. 2013.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1 ed. São Paulo/SP: Ática, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo/SP: Penguin; Cia. Das Letras, 2012.

Building the way

RESENDE, Beatriz. Em defesa de Clara dos Anjos. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo/SP: Penguin; Cia. Das Letras, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. 1. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2017.